

# 4

## ***Promovendo a Espontaneidade: Uma Experiência de Intervenção Comunitária<sup>1</sup>***

CRISTINA MARTINS, ANDREIA RIBEIRO, JOSÉ MANUEL TEIXEIRA DE SOUSA

### **RESUMO**

O presente trabalho insere-se no âmbito de um Programa de Prevenção das Toxicodpendências, em contexto comunitário, de tipo selectivo, dirigido a diferentes grupos-alvo, expostos a factores de risco susceptíveis de gerar problemas de consumo de substâncias psicoactivas. Nesta intervenção, recorreu-se à utilização do Modelo do Psicodrama Moreniano, dado considerar-se ser uma mais valia para se atingirem os objectivos de um Programa de Prevenção das Toxicodpendências, que pretendeu ser de desenvolvimento pessoal e social, isto é, de construção, interiorização e consciencialização de valores e de desenvolvimento de competências.

**Palavras-chave:** Prevenção das Toxicodpendências; Espontaneidade; Contexto Comunitário; Desenvolvimento de Competências; Psicodrama; Sociodrama.

### **RÉSUMÉ**

Le travail ici présenté appartient à un Programme de Prévention de Dépendance de Drogues, dans un contexte communautaire, de modèle selectif, adressé aux différents groupes-but, exposés à des facteurs de risque susceptibles de provoquer des problèmes de consommation de substances psycho actives. Dans cette présentation/médiation, les auteurs/intervenants ont fait recours à l'usage du Modèle de Psychodrame Moreno, parce qu'ils le considèrent une plus value pour atteindre le but d'un Programme de Prévention de Dépendance de Drogues, qui a prétendu être de développement personnel et sociale, c'est à dire, de construction, d'intériorisation et de prise de conscience de valeurs de développement de compétences.

**Mots-clé:** Prévention de Dépendance de Drogues; spontanéité; Contexte Communautaire; Développement de Compétences; Psychodrame; Sociodrame.

### **ABSTRACT**

The present work belongs to a Drug Addiction Prevention Programme, in a communitarian context, of selective type, aimed to different target-groups, exposed to risk factors susceptible to create consuming psychoactive substances problems. In this communication, the authors appealed to the use of the Morenianian Psychodrama Model, assuming this would be worthwhile to achieve the purposes of a Drug Addiction Prevention Programme, which claimed to be of social and personal development, that is, of construction, inwardness and awareness of values and of competences development.

**Key Words:** Drug Addiction Prevention; Spontaneity; Communitarian Context; Competences Development; Psychodrama; Sociodrama.

## 1 – INTRODUÇÃO

Pretendemos partilhar a nossa experiência no Bairro da Biquinha, no concelho de Matosinhos, no âmbito de um Programa de Prevenção das Toxicodependências, em meio comunitário, que foi implementado em 2005 e 2006. Este programa surgiu na sequência de um acordo de cooperação entre a Unidade de Prevenção do Porto Norte do Instituto da Droga e da Toxicodependência, Instituto Público sob a tutela do Ministério da Saúde, e a Delegação Regional do Norte da Associação para o Planeamento da Família, organismo não governamental. O Bairro da Biquinha situa-se numa zona central da cidade de Matosinhos. De acordo com o diagnóstico social – estudo realizado com uma amostra de 282 pessoas do bairro, levado a cabo pela equipa da APF - constatou-se que esta comunidade se encontrava em risco de exclusão social, consequência da existência de vários factores de risco: consumo de substâncias psicoactivas, relações sexuais não protegidas, acesso negligente aos cuidados de saúde, elevado absentismo escolar associado a uma baixa escolaridade (que se traduz por elevadas taxas de analfabetismo e iliteracia), taxas de desemprego elevadas e emprego precário.

Por outro lado, reside no bairro da Biquinha uma considerável comunidade de etnia cigana que ocupa um espaço definido dentro da organização do próprio bairro, mas, que apesar de tudo, não impede a existência de manifestações de discriminação e violência entre grupos. As condicionantes sócio-culturais inerentes a esta subcultura cigana contribuem também, de forma decisiva, para a sua exclusão social.

## 2 – CARACTERIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO

A equipa da APF, que se encontrava a trabalhar no terreno sinalizou diferentes grupos-alvo, expostos a factores de risco susceptíveis de gerar problemas de consumo de substâncias psicoactivas. Com base na avaliação efectuada pela referida equipa, desenhamos um Programa de Prevenção das Toxicodependências, em Contexto Comunitário, de Tipo Selectivo, para intervir junto desta população.

O referido programa inclui, para além de sessões de informação/sensibilização, no âmbito da prevenção das

toxicodependências, dirigidas a públicos estratégicos (pais/familiares/educadores, professores, auxiliares de acção educativa, técnicos do ATL e do centro de jovens), uma intervenção Psicodramática e Sociodramática, concretizando-se num grupo de Psicodrama com crianças e em três grupos de Sociodrama destinados a pré-adolescentes, jovens e adultos (pais /educadores). Utilizámos a metodologia Psicodramática e Sociodramática de inspiração Moreniana, dado considerarmos ser esta uma mais valia na prossecução dos objectivos de um programa de prevenção selectiva, que visava fundamentalmente o desenvolvimento pessoal e social. As sessões, de periodicidade semanal ou quinzenal, tiveram a duração de sessenta a noventa minutos e foram realizadas numa sala ampla, com pouco mobiliário, com recurso a almofadas, cadeiras, luzes, meios audiovisuais, quadro branco, telas de panos, vendas e um tapete para recriar o palco.

## 3 – PSICODRAMA COM CRIANÇAS

A nossa intervenção decorreu no ano de 2005, ao longo de vinte sessões. O grupo foi constituído por onze elementos, seis do sexo feminino e cinco do sexo masculino, com idades compreendidas entre os sete e os nove anos, que frequentavam o Ensino Básico.

Estas crianças apresentavam um elevado grau de absentismo e insucesso escolar, baixa auto-estima e dificuldades ao nível das competências relacionais. Na sua maioria eram oriundas de famílias disfuncionais que apresentavam competências parentais deficitárias, marcadas frequentemente pela não satisfação das necessidades básicas (alimentação e cuidados de higiene), com manifestas dificuldades no estabelecimento de laços afectivos e com um estilo educativo pautado pela ausência de regras e limites definidos.

Com a utilização do Modelo do Psicodrama Moreniano, no grupo de crianças, pretendeu-se ir mais além da mera comunicação verbal, criando um espaço alternativo onde foram possíveis modos de expressão não utilizados habitualmente. Uma vez que a expressão verbal, nas crianças, é reduzida, a utilização de jogos ou histórias apresentou-se-nos como a forma mais simples de as pôr a expressar o seu agir.

O brincar, devidamente contextualizado, pode ser para as crianças um treino para a vida e um meio de prepará-las para, no futuro, enfrentarem situações esperadas e inesperadas. A acção, possibilitou o treino na representação de papéis, reais ou imaginários, em que erros de desempenho não são punidos, como seriam na vida real, promovendo assim a expansão do Eu.

Em termos históricos, o psicodrama começou nos jardins de Viena, onde Moreno dramatizava com as crianças que aí se encontravam a brincar. Podemos dizer que foram elas próprias a iniciar esta modalidade terapêutica, e a Moreno coube a astúcia de sistematizar aquilo que elas praticavam, como terapia espontânea para as suas vidas. Assim sendo, passaremos a descrever alguns excertos das sessões realizadas com este grupo, onde se procurou desenvolver essa terapia.

*O director sugeriu a dramatização de uma história livre, tendo os participantes inventado uma história do reino encantado. M. era o príncipe, C. a princesa e A. a bruxa, não por sugestão dela mas do grupo, e que ela acabou por aceitar. J. assumiu o papel de narrador e decidiu o desenrolar da história. C. foi dando sugestões ao grupo e A. manteve-se em silêncio. M. e C. decidiam por ela, dizendo "tens que ser má", "agora faz mal à princesa". O director pede a A. para inverter o papel com C. e a primeira diz "a princesa é a mais bonita, tem vestido comprido e um véu transparente", mostrando-se satisfeita por estar neste papel. A história termina com a bruxa a transformar-se em pó e o príncipe e a princesa juntos. No final o director pediu para todos fazerem um círculo e comentarem a história. "No final tudo acaba bem" diz C., "tudo deve acabar bem... é assim que devia de ser" diz M.*

Nas várias sessões, constatámos a rejeição de papéis de menor status e, em grande dimensão, a representação de papéis de adulto e de heróis de ficção. Moreno realça que a tomada de papéis de indivíduos mais velhos fortalece a sensibilidade da criança para uma vida interior mais rica, tornando-a mais hábil nos relacionamentos interpessoais. Por um lado, a criança distancia-se do seu papel social "real" e adopta as características do papel que representa, e por outro, os colegas manifestam as suas reacções e expectativas em relação ao papel que ela representa.

Na dramatização, atrás descrita, aconteceu frequentemente corrigirem-se uns aos outros quando percebiam a inadequação da representação de algum papel. É por exemplo patente que A. não queria desempenhar o papel de bruxa mas sim o de princesa. No papel de bruxa ela deveria assumir certas características que são diferentes da C., no papel de princesa, e como tal não acontecia, os colegas manifestaram as suas reacções e expectativas em relação ao papel por ela representado.

Em local protegido e relaxado, A. vai viver a maldade que a bruxa lhe empresta, encontrando-se assim com uma experiência interior nova. É através da espontaneidade<sup>2</sup>, que a criança se confronta com a sua capacidade criativa, desempenhando novos papéis, experimentando novas vivências, estimulando desta forma o seu crescimento interior.

*Numa outra sessão, coincidente com o Dia do Pai, A. salta para o palco, dizendo "eu hoje sou o pai". O ego-auxiliar, por indicação do director, disse que seria a mãe. J. e C. decidiram ser, respectivamente, o filho mais velho e o mais novo. O director deu indicações ao ego para desempenhar o papel de uma mãe pouco preocupada com os filhos e com as tarefas domésticas. A. (pai) estava muito admirada com a sua "mulher" e dizia "mas não sou eu que tenho que fazer o comer!", mas uma vez que a "mulher" não o fazia, ela como "pai" começou a fazer o pequeno-almoço para dar aos filhos mostrando-se muito preocupada. J. também muito admirado com a "mãe" dizia "eu como bolachas e leite com chocolate, assim já está pronto, e para o almoço nós vamos ao restaurante, pois somos uma família rica, não é?". Na segunda cena, resolveram trocar de papéis, A. era a "mãe", C. o "pai" e os "filhos" eram J. e o ego. Nesta família, a "mãe" era muito cuidadosa e preocupada com os "filhos". Como todos gostavam de festas, decidiram ir ao baile. Enquanto dançavam e se divertiam, começaram os foguetes. O director deu indicação ao ego, que começou a chorar e a pedir à "mãe" para ir embora pois tinha medo dos foguetes. Inicialmente a mãe queria que esta fosse para casa da tia, para poder continuar no baile, mas perante a insistência da "filha", acabaram por voltar todos para casa um pouco contrariados.*

Salientámos que a complementaridade de papéis se revelou na acção descrita, bem como as expectativas face ao papel de mãe, sendo de realçar a adequação e o desempenho dos papéis parentais por parte destas crianças.

Se a dramatização de uma história imaginada é de fácil acesso para a criança, dramatizar o seu próprio conflito exige confiança e um bom conhecimento do grupo e da sua dinâmica, não é por acaso que a próxima dramatização ocorre na 16ª sessão.

*S. estava sempre a interromper A. dizendo que não gostava de estar ali, gostava era de estar com a mãe em Barcelona. O director pede, então, para ela explicar melhor. S. referiu que a mãe está separada do pai, este vivia com outra mulher e tinha mais dois filhos. Há um ano ou dois atrás, S. foi passar um mês com o pai a Barcelona, mas não gostou nada dos irmãos pois comportavam-se muito mal e o pai não lhe dava atenção. Agora está à espera que a mãe a venha buscar, pois não gosta de viver com a avó e com os tios, "a minha avó deu o meu cão Caspa, era dele que eu mais gostava". Continuou a dizer que "detesto tudo, não gosto da escola, não gosto da avó, dos tios, não gosto dos amigos...", por isso "sou muito nervosa, tenho muitos nervos e deito tudo pelo ar e bato a todos... ainda outro dia professora deitei tudo abaixo no meu quarto, depois fiquei de castigo, mas eu não me importo, eu só quero ir viver com a minha mãe...". O director chamando S. ao palco solicita uma estátua das pessoas mais importantes para ela. Diz-lhe que o ego vai substituí-la e que ela pode pôr no palco todas as pessoas mais importantes e fazer uma fotografia. S. colocou o ego no meio do palco a sorrir e com os braços cruzados. Chamando C. para fazer o papel do cão Caspa colocando-o a seus pés. De seguida chamou X. para fazer de mãe e posicionando-a a seu lado com um braço por cima dos ombros do ego. Por fim chamou A. para o lugar de avó situando-a em frente ao ego, afastada, dizendo "a avó está sempre na cozinha". Quando S. ocupou o seu lugar na estátua verbalizou "estou bem, eu só queria ter o meu cão porque gosto muito dele, e ele era muito limpinho e bonito, a minha avó não tinha nada que o dar". S. invertendo os restantes papéis referiu, no papel de cão "eu gosto muito de ti e gostava de estar contigo", no papel*

*de mãe "eu gosto muito de ti, porta-te bem" e no papel de avó "vai arrumar o quarto". De seguida o director solicitou uma estátua ideal, onde S. colocou o ego abraçado à mãe e a avó atrás, também abraçada às duas e o cão ainda mais próximo. Já no seu lugar S. sorri e diz "é assim que eu vou estar quando a minha mãe me vier buscar".*

Nesta sessão dramatizámos algo que preocupava e que interferia com o dia-a-dia de S. No psicodrama com crianças, estes momentos de dramatização a partir de conflitos reais não são frequentes. No entanto, a partir da sessão de S. a temática dos conflitos familiares foi muitas vezes trazida às sessões, por outras crianças que também vivenciavam o mesmo problema.

#### 4 – GRUPO DE PRÉ-ADOLESCENTES

Realizamos uma intervenção de cariz Sociodramático no ano 2006, que se desenvolveu ao longo de onze sessões, com um grupo de doze pré-adolescentes, três do sexo masculino e nove do sexo feminino, com idades compreendidas entre os dez e os catorze anos, que frequentavam o Ensino Básico, tendo dois abandonado a escola. Este grupo, apresentava escassas competências sociais, baixa resistência à frustração, dificuldade em gerir conflitos, rebeldia, susceptibilidade à pressão dos pares, iniciação precoce em condutas de risco, baixa auto-estima e impulsividade.

Com o grupo de pré-adolescentes utilizámos a metodologia Sociodramática Educacional para potenciar competências tais como: comunicação interpessoal, assertividade, capacidade de resistir à pressão de pares e de resolução de problemas, uma vez que se encontravam pouco desenvolvidas e serem protectoras de comportamentos de risco e promotoras de um bom desenvolvimento geral.

As técnicas do Psicodrama e Sociodrama Moreniano mais utilizadas foram: a inversão de papéis, o solilóquio, estátuas, a representação simbólica e os jogos dramáticos, que em nosso entender tiveram uma finalidade pedagógica clara, permitindo o treino de papéis, potenciando competências e fundamentalmente expandindo a espontaneidade.

Para trabalharmos competências, o treino de papéis afigura-se como indispensável e o seu desempenho

evidencia a criatividade constituindo um constante teste de espontaneidade. Ao estimularmos a espontaneidade, expandimos o mundo interno de cada um, através da experimentação de novas vivências e de novos papéis. Passaremos agora, a descrever excertos de uma sessão onde se trabalhou a capacidade de resistir à pressão de pares e que evidencia o treino de papéis.

*O director propôs uma cena passada numa sala de aula onde todos estavam a fazer um trabalho de grupo. Dois elementos pressionavam os outros para faltarem às aulas da parte da tarde. S. e J. disseram "vamos faltar às aulas para irmos à praia". J.P. referiu "não posso, porque a minha mãe não me deixa". R. verbalizou "não quero, depois a professora diz à minha mãe". T. manteve-se calado e em solilóquio referiu "é mau faltar às aulas, mas quero ir à praia..., mas eu posso ir à praia no fim-de-semana. Se faltar não aprendo a matéria e já tenho muitas faltas". S. e J. voltaram a pressionar o grupo e R. zangada respondeu "não vou faltar, vamos todos no fim-de-semana", J.P. concordou "sim, eu também não falto, tenho que tirar boa nota no teste e posso sempre ir no fim-de-semana com vocês". No fim, todos pareciam convencidos que faltar às aulas não era uma boa opção, apesar de este ser um comportamento habitual no meio onde se movimentam, conseguindo assim encontrar alternativas adequadas para responder à pressão dos pares.*

Para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, foi para nós clara a aplicabilidade do Sociodrama pedagógico, revelando inúmeras vantagens relativamente às metodologias clássicas.

## 5 – SOCIODRAMA COM JOVENS

No ano de 2005, foram realizadas três acções de informação/sensibilização, com um grupo de jovens, no âmbito da Prevenção Primária das Toxicodependências, sendo o objectivo geral informar/sensibilizar para os riscos e consequências associadas ao consumo de substâncias psicoactivas, dado o grupo ter na sua maioria um contacto muito próximo com familiares e amigos que consomem estas substâncias. O grupo foi constituído por nove elementos, com idades compreendidas entre os catorze e os dezasseis anos.

Considerámos que estas acções foram importantes, uma

vez que possibilitaram o levantamento de dúvidas e o esclarecimento de falsas crenças face às substâncias e aos comportamentos por elas provocadas, pretendendo ser um espaço de reflexão e discussão.

No ano 2006, tivemos a oportunidade de trabalhar com outro grupo de jovens, em contexto escolar, ao longo de cinco sessões. Dado pretendermos ir mais além e trabalharmos não só questões relacionadas com as substâncias psicoactivas, mas fundamentalmente o "papel" de adolescente na globalidade, optámos pela metodologia Sociodramática. O grupo foi constituído por quinze jovens, com idades compreendidas, igualmente, entre os catorze e os dezasseis anos.

O Sociodrama permitiu trabalhar questões, relativas ao papel do adolescente, tais como: sexualidade, afectividade, comportamentos de risco e comunicação interpessoal. O acesso a conteúdos internos foi facilitado e intensificado com o recurso a esta metodologia. Ao contrário do esperado, este grupo de jovens adolescentes não apresentou dificuldades e/ou resistências na abordagem das suas vivências internas, utilizando o grupo para clarificar dúvidas e formar opiniões face a papéis ainda pouco desenvolvidos.

Estas sessões decorreram num ambiente pouco formal, pautado pela necessidade de constante movimento e interacção, muitas vezes caracterizadas por aproximações amorosas e que iam desde olhares sedutores a gestos de aproximação física. O "aquecimento" deste grupo conduziu à constante representação Sociodramática, onde procedimentos e técnicas, como a inversão de papéis, solilóquio, estátua, duplo e ainda vários jogos dramáticos (personalidades célebres, jogo dos animais, percepção de si e do outro, jogo do espelho, jogo da ilha e loja mágica), permitiram uma maior clarificação do papel de adolescente.

Passaremos a ilustrar, de forma sucinta, a dinâmica das sessões realizadas, onde a espontaneidade era constantemente testada pelo grupo.

*Na 1ª sessão, depois de se realizarem alguns jogos de apresentação e aquecimento, pedimos ao grupo para se posicionar face a perguntas de cariz sociométrico (quem tem irmãos/quem não tem, quem gosta de andar na escola/quem não gosta, etc.). Após grande envolvimento*

*por parte de todos, o director solicitou ao grupo novas perguntas. O grupo aderiu entusiasticamente e começaram a colocar questões cada vez mais íntimas – “quem está apaixonado? /quem não está? quem é virgem? /quem não é virgem?”. Nesta última todos os elementos, à excepção de um, que estava indeciso, se colocaram no lado “Quem é virgem”, a quem o director solicitou um solilóquio, este um pouco envergonhado referiu “bem vou dizer a verdade” deslocando-se para junto dos colegas que o acolheram com satisfação. Convém referir que este elemento era o líder natural do grupo.*

Este exemplo é representativo da dinâmica de funcionamento deste grupo. A dramatização em campo relaxado permitiu uma abertura a um discurso pouco comum num contexto social, mas necessário para poderem integrar terapêuticamente as emoções intensas a que estão sujeitos.

O grupo facilitou o encontro e a proximidade, e o palco revelou-se o espaço ideal para a interacção, permitindo a experimentação de novos papéis e o desenvolvimento de outros. No jogo Sociodramático, possibilitámos novas formas de expressão grupal e a emergência de vivências, permitindo, desta forma, a exploração dramática dos vários dilemas de vida comuns a estes jovens (relações sexuais protegidas versus não protegidas, consumo de substâncias psicoactivas, etc.).

## **6 – SOCIODRAMA COM PAIS**

No ano de 2005 entrevistamos junto de um grupo de nove pais/familiares, com a realização de sete sessões de informação/sensibilização, tendo como objectivo principal a promoção de competências e estratégias parentais, no âmbito da Prevenção das Toxicodependências.

Foram abordadas, nestas sessões, as substâncias psicoactivas, os seus riscos e consequências, dado considerarmos importante que os pais possuam informação e competências adequadas para melhor educar os seus filhos, e também pelo facto de muitos destes pais possuírem companheiros e/ou familiares com história de abuso de substâncias. Os pais/familiares que frequentaram este grupo tinham entre dezanove e quarenta e sete anos, sendo que oito

eram do sexo feminino e apenas um pertencia ao sexo masculino. Face à situação profissional, na sua maioria, encontravam-se desempregados.

No ano de 2006 efectuámos seis sessões com um grupo de pais/educadores, constituído por nove mães com idades compreendidas entre os vinte e sete e quarenta e sete anos, sendo que duas mães não sabiam a sua idade. Face à situação profissional, estas mães eram na sua maioria domésticas.

Da avaliação efectuada ao funcionamento familiar, com base no teste Faces III (D.H. Olson, J Portner, Y. Lavee, 1985 - Versão portuguesa A. Roma Torres, R. Currel e F. Dourado) constatámos que, ao nível da coesão estas famílias funcionavam, na sua maioria de forma separada (33,3%) ou emaranhada (33,3%) e ao nível da adaptação familiar apresentavam, maioritariamente, um estilo rígido de funcionamento (50%).

Após a nossa intervenção junto do grupo de pais/familiares no ano de 2005, e quando nos foi solicitada uma continuidade deste trabalho, considerámos que a abordagem clássica de prevenção das toxicodependências, através de acções de informação/sensibilização, se revelava insuficiente para os objectivos que nos propusemos alcançar, nomeadamente no âmbito da promoção de competências parentais.

Dado o saber-saber não significar saber-ser e saber-fazer, aceitamos o desafio de trabalhar um grupo de mães utilizando o Sociodrama. Neste sentido, valorizamos ao nível da coesão familiar, um estilo educativo conectado por oposição aos estilos separado e emaranhado, e ao nível da adaptação familiar um estilo flexível por oposição a um estilo rígido, trabalhamos a definição de regras e limites, a comunicação interpessoal e a capacidade de transmitir afectos.

Da nossa experiência, constatámos que a utilização deste modelo permitiu de uma forma mais clara, perceber o funcionamento familiar e o papel de “mãe” destas mulheres, bem como, perspectivar formas de o desenvolver, promovendo uma maior consciencialização do papel real e do papel ideal. Através do treino de papéis foi possível perceber vínculos e relações facilitando, desta forma, a promoção de competências pouco desenvolvidas.



Passamos a descrever parte de uma sessão onde a dinâmica familiar é o tema central.

*Quando pedida uma estátua da família ao grupo, este representou uma família constituída pela mãe e ao seu lado os quatro filhos. Quando o elemento que representava o pai se colocou na estátua, visivelmente embriagado, de imediato caiu ao chão arrastando consigo parte da sua família. Em solilóquio o pai disse "deixem-me em paz", a mãe "estou cansada disto tudo", os filhos "ainda vai sobrar para nós", "deixa-o dormir", "não me chateiem" e "quem dera que ele desapareça". Pedindo uma estátua da família ideal, inicialmente revelaram alguma dificuldade, acabando por fazer uma estátua igual, mas com o pai abraçado à mãe. Em solilóquio o pai perguntou "Vamos logo ao baile", a mãe respondeu "que bom vamos todos", e os filhos "eu quero dançar com o pai", "nunca fomos juntos", "o meu pai já não vai beber" e "estou feliz!". No final todas sentiram o impacto que o consumo de álcool, muitas vezes desvalorizado, tinha na dinâmica familiar.*

O recurso ao simbólico, ao não verbal e à acção, permitiu mais facilmente a expressão de sentimentos, medos e desejos, bem como perceber as características dos vínculos estabelecidos. O facto de no palco se poderem criar realidades suplementares, de tudo ser reversível e da experimentação de papéis ser permitida, possibilitou a elaboração de comportamentos e realidades alternativas.

## 7 – REFLEXÃO CRÍTICA

Com este Programa de Prevenção pretendemos, fundamentalmente, promover o desenvolvimento da espontaneidade de cada elemento dos diferentes grupos, de forma a aumentar a capacidade de fazer escolhas, de experimentar e desenvolver novos papéis, proporcionando, assim, um maior crescimento pessoal e social. Para isso utilizámos o Modelo de Psicodrama e Sociodrama Moreniano.

Pretendemos ainda, com a nossa intervenção, diminuir os factores de risco para cada etapa de desenvolvimento (infância, pré-adolescência e adolescência), dado que a evidência científica demonstra que os períodos de maior risco, para o abuso de substâncias psicoactivas,

ocorre durante as transições mais significativas da vida das crianças e dos jovens.

Foi através do Psicodrama e do Sociodrama que potenciámos competências fundamentais para gerir os vários desafios pessoais e sociais inerentes a cada etapa de desenvolvimento.

Relativamente à avaliação desta intervenção, sendo o objectivo o desenvolvimento pessoal e social e este não ser de alvo fácil de quantificação, procedemos a uma avaliação qualitativa. No entanto, ao nível dos conteúdos abordados, foi efectuada uma avaliação dos conhecimentos, nos grupos de pré-adolescentes e pais/educadores, verificando-se um aumento significativo (30% e 50%), entre pré e pós-teste, respectivamente.

Da nossa experiência, salientámos a mais valia que foi a utilização deste modelo com esta comunidade, em comparação às abordagens preventivas mais tradicionais que inicialmente usamos. Constatámos com esta metodologia, um maior envolvimento e uma maior exposição das vivências internas dos diferentes grupos, reflectindo-se na aquisição de ferramentas pessoais e sociais geradoras de respostas novas e adequadas.

A existência de duas subculturas numa mesma comunidade implicou uma adequação constante da intervenção, obrigando-nos a uma maior flexibilidade e criatividade para resolver conflitos que muitas vezes eram evidenciados no decurso das sessões.

Algumas especificidades da comunidade de etnia cigana foram para nós um desafio. O abandono escolar precoce (a maioria das crianças concluem apenas o 4ºano), instituído nesta subcultura foi um factor de risco difícil de ser trabalhado. A resistência à exposição, nomeadamente do sexo feminino, inicialmente constituiu uma dificuldade, tendo sido ultrapassada ao longo das sessões através da utilização das diferentes técnicas psicodramáticas.

No entanto, esta resistência foi-se esbatendo ao longo das sessões, ultrapassando frequentemente barreiras sócio-culturais inerentes a esta comunidade. Verificámos ainda, uma aproximação efectiva dos vários elementos das diferentes subculturas, traduzindo-se num maior respeito e compreensão pelas suas diferenças.

Para Moreno o Homem é um ser social e a maioria dos seus problemas são interpessoais. A valorização do outro e a importância que este dá ao momento do encontro está claramente expressa no seu poema " um encontro de dois, olhos nos olhos, face a face, e quando estiveres perto arrancar-te-ei os olhos e colocá-los-ei no lugar dos meus, e arrancarei meus olhos para colocá-los no lugar dos teus, então ver-te-ei com os teus olhos e tu ver-me-ás com os meus" [Moreno, 1978 (1946)].

Neste encontro empático com esta comunidade fomos levados a um constante exercício criativo e autêntico, que na procura da tele<sup>3</sup> nos conduziu ao treino de papéis, testando a nossa espontaneidade e traduzindo-se num maior crescimento pessoal e social como psicodramatistas.

#### CONTACTOS:

##### CRISTINA MARTINS

Psicóloga Clínica (Sociedade Portuguesa de Psicodrama)  
CRI – Porto Central, IDT, I.P.  
Tel. 225 090 728

##### ANDREIA RIBEIRO

Psicóloga Clínica (Sociedade Portuguesa de Psicodrama)  
CRI – Bragança Central, IDT, I.P.

##### JOSÉ MANUEL TEIXEIRA DE SOUSA

Psiquiatra (Sociedade Portuguesa de Psicodrama)  
CRI – Porto Central, IDT, I.P.  
Rua Damião de Góis, 270, 4050-223 PORTO  
teixeira.sousa@idt.min-saude.pt  
Tel. 225 090 728

#### NOTAS:

1 – Comunicação Apresentada no VI Congresso Ibero-americano de Psicodrama, Corunha, Maio 2007

2 – Espontaneidade representa a energia que impele a pessoa para responder adequadamente perante uma situação nova, ou que facilita a capacidade de encontrar uma resposta alternativa numa situação familiar. Para Moreno, o indivíduo doente tem esse Factor E reprimido ou prejudicado de alguma maneira, apresentando uma capacidade adaptativa menor ao meio circundante.

3 – Tele foi definida por Rojas Bermudez (1966), como "o conjunto de processos perceptivos que permitem a um indivíduo avaliar correctamente o mundo ambiente".

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Fonseca, J. (1999). *Psicoterapia da Relação*: Elementos de Psicodrama Contemporâneo, 2nd.Ed. São Paulo: Ed. Ágora.

Fox, Jonathan (1987). *O Essencial de Moreno*. São Paulo: Ed. Ágora.

Gonçalves, Camila Salles (1988). *Psicodrama com Crianças*. São Paulo: Ed. Ágora.

Leutz, G. (1996). Correspondências entre a Teoria Psicodramática do Desenvolvimento Infantil e os Processos e Objectivos Terapêuticos do Psicodrama. *Psicodrama*, Revista da Sociedade Portuguesa de Psicodrama, 4: 5-16.

Moreno, J. L. (1978). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix (orig.: Psicodrama 1st vol, Beacon House Inc., 1946).

Pio – ABREU J. L., Cristina OLIVEIRA (2006). How does psychodrama work? Theory is embedded in the psychodrama setting. A aguardar publicação.

Pio – ABREU J. L. (2002). *O Modelo do Psicodrama Moreniano*, 2nd. Ed. Coimbra: Quarteto Editora.

Pio – ABREU J. L., Cristina OLIVEIRA (1996). Como Lidar com os Mudos e Quedos. *Psicodrama*, Revista da Sociedade Portuguesa de Psicodrama, 4: 17-25.

Soeiro, A. C. (1995). *Psicodrama e Psicoterapia*. São Paulo: Natura.

Roma-Torres, A. (2001). Teoria (s) do Psicodrama. *Psicodrama*, Revista da Sociedade Portuguesa de Psicodrama, 6: 37-43.

Rojas Bermudez, J. G. (1980). Introdução ao Psicodrama, 3ª Ed. São Paulo: Ed. Mestre Jou (Orig.: Quê Es El Psicodrama?. 1991).